

EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA MATURIDADE

Myriam Moraes Lins de Barros¹

Resumo

Este artigo trata da construção de identidade de gênero e geração a partir de pesquisa realizada com mulheres de três gerações de famílias de camadas médias do Rio de Janeiro. Discute, particularmente, como mulheres da geração intermediária constroem a experiência da maturidade no momento de vida em que se encontram entre os cuidados com os pais idosos e o apoio material e afetivo aos filhos adultos. A análise parte da ideia de que as mudanças e transformações sociais se dão em tensão com a permanência de valores e práticas sociais mais tradicionais. A maturidade é percebida pelas mulheres como um momento em que refletem sobre seu protagonismo nas mudanças nas relações de gênero e geração na família, no trabalho e nas relações sociais, em diferentes contextos sociais ao mesmo tempo em que assumem criticamente o lugar de autoridade e de poder nas relações intergeracionais na família.

Palavras-chave: Mulher. Maturidade. Família. Geração. Mudança social.

Abstract

This article deals with the construction of gender identity and generation on the basis of research conducted with three generations of middle class women in Rio de Janeiro. It discusses, in particular, how intermediate generation women build the experience of maturity, at the time of life in which they find themselves between caring for their elderly parents and enjoying the emotional and material support of their own adult children. The analysis is built on the idea that social transformations and changes take place in tension with the permanence of traditional social values and practices. Maturity is perceived by women as a time to reflect on their role in ensuing changes in gender relations and in the family, at work and in social relations in different social contexts, while at the same time critically assuming the place of authority and of power in intergenerational relations in the family.

Keywords: Woman. Maturity. Family. Generation. Social change.

¹ Doutora em antropologia social. Professora titular da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq. Publicou *Autoridade e afeto* pela Zahar, as coletâneas *Velhice ou terceira idade?* e *Família e gerações* pela FGV Editora. É coeditora da Revista *Praia Vermelha – Estudos de Política e Teoria Social* e coordena, com Clarice Peixoto e Maria Luiza Heilborn, as séries “Família, geração e cultura” e “Análises sociais contemporâneas” da FGV.

Este artigo, baseado em pesquisa antropológica com famílias de camadas médias no Rio de Janeiro, parte da ideia difundida nestes segmentos sociais de que as mulheres maduras que têm, hoje, pais idosos e filhos jovens adultos que permanecem em suas casas enfrentam uma realidade pouco conhecida por seus pais e que, possivelmente, não será a mesma a ser vivida por seus próprios filhos, pelo menos não da forma como estas mulheres constroem as relações intergeracionais na família.

O termo maturidade e a designação de algumas entrevistadas como mulheres maduras estão relacionados aos significados dados à família moderna na sociedade contemporânea, ao lugar que cada indivíduo ocupa nas relações familiares de acordo com a geração, as relações de gênero e as condições e situações de classe. O conceito de geração é elaborado por Mannheim em relação intrínseca com a observação da rapidez das mudanças sociais na modernidade. Referindo-se ao problema das gerações argumenta: “Sua importância prática torna-se evidente logo que se tenta obter uma compreensão mais exata do acelerado ritmo de mudança característico de nossa época” (1982, p. 67).

Sob o ponto de vista dos indivíduos, a experiência e a percepção de ser de uma geração não significa apenas participar do mesmo momento histórico e ter nascido numa mesma época, mas estar “em uma posição específica para viver determinados acontecimentos” (LINS DE BARROS, 2006, p. 19). É a partir desta perspectiva socioantropológica sobre gerações que observo e analiso as trajetórias de vida das mulheres.

Embora a ideia de mudança social nas relações familiares sob a ótica da experiência feminina tenha sido o motor inicial do processo de pesquisa, a tensão entre mudar e permanecer está no cerne do problema teórico sobre geração e relações intergeracionais aqui proposto. A pesquisa está baseada em relatos de trajetórias de vida de mulheres de três gerações representadas pela linha familiar descendente que vai das avós às netas de uma mesma família em famílias de camadas médias urbanas (VELHO, 2013). A dinâmica tensionada entre a mudança e a permanência é apresentada em duas medidas de tempo, uma definida pela trajetória de cada mulher entrevistada e a outra pelo tempo da própria história familiar identificada pelas três gerações de mulheres: as avós, as mulheres maduras e as jovens.

O jogo complexo entre mudanças e transformações sociais e a continuidade de práticas e valores compõem o panorama social no qual se movem as mulheres entrevistadas. Nas entrevistas, esta dinâmica surge não apenas como um contexto sociológico, mas como um estilo discursivo presente nas falas das mulheres quando falam de si, das relações familiares e afetivas e da própria sociedade. Desta forma, a ênfase dada às mudanças sociais e às diferenças geracionais pode ser nuançada com a percepção de continuidade com que tratam de sua biografia e das relações entre as gerações femininas na família. A ênfase nas dinâmicas da vida social presente nos discursos das mulheres entrevistadas se apresenta como questão sociológica e antropológica sobre transformações nas formas de pensar e agir.

Tendo presente a ideia de que entre as mulheres idosas de camadas médias e suas filhas há mudanças de comportamento e de valores mais significativas sob o ponto de vista dos valores e dos comportamentos, a escolha do universo de pesquisa procurou exatamente focar as mulheres maduras da geração intermediária e definir, por esta geração familiar, as trincas de mulheres a serem entrevistadas. A ideia básica para definir esta geração é a de que as mulheres desta faixa etária, dos segmentos médios, nas grandes cidades brasileiras, experimentaram um conjunto de mudanças sociais ao longo da vida, redefinindo o lugar da mulher nos contextos público e privado e trazendo novos significados às diferentes dimensões da vida social.

Para mulheres que nasceram entre o final da década de 40 e o fim da década seguinte, há um entorno cultural de mudanças na ordem dos valores e das práticas da vida cotidiana que nos permite estabelecer um marco geracional particularmente importante para as mulheres das camadas médias.

As mulheres desta faixa etária experimentaram, no momento de formulação de projetos de vida para a passagem para vida adulta, um conjunto de transformações sociais que abarcam diferentes campos da vida como a sexualidade, a família, as relações entre homens e mulheres e entre gerações na vida familiar, no trabalho e em distintas esferas de sociabilidade como as definidas por laços de amizade. Vivenciaram também mudanças de ordem societária, com a reestruturação do perfil do trabalhador, com a entrada crescente das mulheres no mercado de trabalho, a profissionalização de mulheres de segmentos médios urbanos, o controle de natalidade e, portanto, a diminuição do número de filhos

especificamente nestes segmentos sociais, além do aumento da ocorrência de divórcio, levando à reconfiguração da família e da conjugalidade. Esta onda de mudanças e a marca geracional são, também, trabalhadas por Andréa Moraes Alves ao analisar os discursos de duas gerações de mulheres de camadas médias do Rio de Janeiro sobre moral sexual. Os relatos das trajetórias de vida das mulheres da geração mais velha nascidas nas décadas de 1940 e 1950 mostram como “o código moral dos anos 70 é usado para explicar todas as mudanças que elas veem ocorrer nos dias de hoje. Esse código acaba por exacerbar as distâncias entre uma geração e outra” (2009, p. 367).

Entendendo, portanto, a importância das mudanças nas formas de pensar e agir e na construção das subjetividades dos indivíduos, procuro compreender as diferenças e aproximações entre as trajetórias das três gerações de mulheres e as perspectivas distintas de cada geração sobre sua própria vida e sobre as relações familiares. Entre outras questões relevantes para se compreender as relações intergeracionais, está a relevância atribuída às mães no processo de transferência dos legados simbólicos (VITALE, 2007). Em outro trabalho, realizado a partir de pesquisa comparativa entre países europeus, sobre família, gênero e trabalho, Torres, Mendes e Lapa apontam, entre outros fatores, que “a atividade profissional das mães tem efeitos indubitáveis na entrada das filhas no mercado de trabalho” e acentuando a importância do que chamam de “efeitos de transmissão” de uma geração para outra no plano dos comportamentos, acrescentam que “são efeitos específicos de socialização, aliás, tanto mais reforçados quanto maior for o nível de ensino atingido pela mãe” (2007, p. 170).

Em relação ao aprendizado da sexualidade, Heilborn et al. (2006) mostram na pesquisa sobre gravidez na adolescência, como particularmente as mães das camadas médias têm um papel fundamental para a transmissão de conhecimentos sobre sexualidade e gravidez. Machado, referindo-se à formação religiosa, afirma que “existe consenso na literatura de que a mãe tem mais influência do que o pai sobre os membros das gerações mais jovens” (2006, p. 98).

Em trabalho anterior, Lins de Barros (1987) apontava que as avós, acompanhando as transformações relativas à mulher de camadas médias, encorajavam as filhas a se profissionalizarem e a conquistarem independência financeira. Havia, entretanto, um limite ao incentivo à autonomia e à independência que se dava exatamente quando a função e o

valor referido à maternidade eram colocados em questão. Mas é exatamente no momento marcado pelas grandes transformações nas relações conjugais e pela redefinição e questionamento do valor da própria família que esta solidariedade feminina intergeracional faz sentido para as avós entrevistadas.

Quando os netos são pequenos é com as próprias filhas que as avós estabelecem as relações mais intensas no cotidiano. A solidariedade feminina no cuidado com crianças mostra a ausência ou pouca participação dos homens no trabalho doméstico. “A força feminina no mundo doméstico ganha uma dimensão particular no momento em que as transformações ocorridas na família conjugal, nestes segmentos sociais de camadas médias, desestabilizam um sistema de divisão sexual de trabalho” (LINS DE BARROS, 1987, p. 72).

ENTRE MÃES E FILHAS: REINVENTANDO UMA NOVA MULHER NA MATURIDADE

Foram realizadas 24 entrevistas com mulheres das três gerações, correspondendo a sete grupos de três gerações e a três mulheres entrevistadas de duas famílias distintas, que corresponderiam a mais dois conjuntos completos de gerações de mulheres. As mulheres moram em diferentes bairros do Rio de Janeiro, a maioria na zona sul da cidade.

Percebe-se, como em outras pesquisas baseadas em histórias de vida, a variação de estilos narrativos e as ênfases diferenciadas com que as mulheres de gerações diferentes percebem sua própria trajetória e os relacionamentos sociais. São distintas também as formas como apresentam os dilemas que enfrentam em diferentes momentos da vida que colocam em confronto os projetos individuais e as regras de reciprocidade familiar com suas obrigações morais de cuidado pelos mais velhos e pelas crianças.

As mulheres maduras (48-60 anos) têm de um a três filhos. Concluíram o curso superior e têm ou tiveram, as aposentadas, uma carreira profissional. Estas mulheres viveram relacionamentos e separações conjugais com diferença importante no modelo de casamento da geração de suas mães. Embora as opções profissionais as coloquem majoritariamente no campo das atividades profissionais femininas, entrar para a universidade, trabalhar e ter uma profissão faz parte de um projeto de vida e de construção

de uma subjetividade pautada por ideais de autonomia e de independência econômica. Trabalhando o mesmo material de relatos de vida, este quadro definidor da relação entre trabalho e mulher para esta geração foi particularmente desenvolvido em Lins de Barros et al. (2009).

A trajetória de vida é percebida por elas como um processo de lutas e de enfrentamentos com modelos tradicionais de participação da mulher na sociedade que começa na juventude, com a contestação da educação dos pais, continua com os conflitos e separações conjugais, com a busca de uma satisfação profissional e uma constante preocupação financeira. Para estas mulheres, de uma maneira geral, a autonomia em suas decisões e em suas opções entre os caminhos a seguir é acompanhada pela importância conferida à independência financeira. Trabalhar, para as entrevistadas, era um imperativo não só por se tornar um valor no projeto de autonomização, mas porque é compreendido como uma necessidade neste segmento de mulheres. A premência por uma estabilidade financeira não é contraditória com a busca por um equilíbrio entre a satisfação pessoal e a carreira profissional.

A relação das mulheres com o trabalho mescla ideais da modernidade como a autonomia e independência individuais, com comportamentos e formas de pensar referidas a padrões mais tradicionais de maternidade e de cuidadora e responsável pelas atividades domésticas. As situações sociais vão definir as prioridades e ênfases mais ou menos individualistas nas escolhas e opções feitas ao longo da vida e, hoje, com mais intensidade, as mulheres na maturidade se defrontam com a dependência financeira dos filhos e a atenção aos pais. Esta experiência de vida as leva a uma revisão dos próprios questionamentos das ideias de poder e de autoridade na família criticados e combatidos por elas desde a juventude. As tentativas de equilíbrio entre trabalho feminino e família são apontadas, também, por Araújo e Scalon (2005) que mostram, nos resultados da pesquisa comparativa sobre gênero, trabalho e família, a dificuldade encontrada pelos entrevistados em transpor alguns impasses quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho feminino quando se coloca a redefinição do papel maternal e a centralidade da maternidade na vida doméstica. Nestas situações, o projeto profissional feminino é colocado em questão.

O casamento das mulheres maduras significou o momento da saída da casa dos pais e o nascimento dos filhos vai ocorrer nos primeiros anos de vida conjugal, em uma situação

não muito diferente daquela de suas mães. As separações conjugais, entretanto, marcam suas vidas, seja no plano dos afetos, nas dificuldades financeiras ou na reconstituição de redes sociais.

Das sete entrevistadas, seis já se separaram e duas estão casadas novamente. A comparação com o projeto de casamento das mães mostra que esta geração construiu, diferentemente da geração mais velha, uma mescla de ideais de relações conjugais: ao mesmo tempo em que tiveram a expectativa de um amor romântico em algum momento de suas trajetórias, vivem hoje, destruído o modelo do amor romântico, o projeto de casamento no qual cabe ao casal construir constantemente a relação a dois e o respeito à individualidade. As separações vieram, também, marcar, em suas vidas, a dissociação entre sexualidade e casamento e, neste sentido, garantir alguns pontos ao projeto de autonomia e de possibilidade aos fluxos entre os mundos sociais e de aumento relativo da importância dos amigos em suas redes sociais. Estas mulheres acompanham um movimento de transformações de valores e de práticas presente nestes segmentos sociais urbanos que tem, para as mulheres, maior impacto.

Esta geração de mulheres nestes segmentos sociais de camadas médias transita com facilidade entre mundos sociais: família, trabalho, amizade e sexualidade são domínios da vida que ganham importâncias relativas ao longo da trajetória de vida. Hoje, esta mobilidade entre mundos sociais e a construção de um estilo de vida marcadamente individualizado são relativizados tanto na prática da vida cotidiana como na percepção que têm de si mesmas como indivíduos com liberdade, ao procurarem se ajustar e se equilibrar entre a atenção e os cuidados com os pais, o apoio financeiro dos filhos adultos e seus próprios projetos de vida no campo profissional, afetivo e sexual.

Situação diferente é encontrada nos relatos de trajetória de vida das mulheres da primeira geração. Elas têm de 69 a 88 anos e tiveram de dois a quatro filhos. Casar, ter filhos logo nos primeiros anos, deixar de trabalhar e se dedicar aos trabalhos da casa e à educação dos filhos fazem parte de um script para o qual muitas delas não se achavam preparadas. A rigidez nas atribuições das atividades femininas e masculinas com a qual foram socializadas não foi atenuada no casamento. As narrativas das histórias de vida apresentam uma imagem naturalizada das passagens ao longo do curso da vida. Não há tom de lutas, como vemos nos relatos de suas filhas, ao discorrer sobre suas vidas. A tendência,

para as mulheres mais velhas, é compreender as situações vividas como próprias de sua geração e sem possibilidade de mudança, embora apareça um tom crítico à dependência financeira e ao limite à autonomia da mulher experimentados por elas. A capacidade de percepção destes constrangimentos é construída ao longo da vida nas diferentes esferas sociais, mas, sobretudo, nas relações de troca com os filhos e netos, sobretudo as filhas, que se confrontaram com padrões tradicionais do papel feminino.

Acompanhando as mudanças sociais e de mentalidade em relação ao lugar da mulher na sociedade, as mulheres da primeira geração procuraram dar a suas filhas uma educação fortemente dirigida para a escolarização superior e para a profissionalização. A mesma atitude positiva frente à mudança do papel feminino aparece na pesquisa sobre família em camadas médias realizada na década de 80 a partir da perspectiva dos avós (LINS DE BARROS, 1987). O olhar crítico presente nas narrativas das avós é encontrado também nas mulheres mais velhas entrevistadas já no século XXI.

Para este segmento de camadas médias, constituído por profissionais liberais, pequenos e médios comerciantes e militares, a independência financeira está basicamente referida ao ganho adquirido pelo trabalho. A crítica da geração mais velha feita hoje à falta de independência para gerir as próprias vidas está associada à presença dos valores individualistas na interpretação de suas trajetórias que foram incorporados e se fundem, com pesos diferenciados, aos valores hierárquicos. Esta crítica mostra também que esta geração de mulheres nas camadas médias já vivia, quando mais jovem, a tensão entre, de um lado, a possibilidade de realização de projetos de vida individuais como estudar e ter uma carreira profissional e, de outro, seguir o padrão feminino dos cuidados domésticos e valorização plena da maternidade e da vida familiar e conjugal. Duas mulheres que não trabalharam depois de casadas definem como “uma burrice não trabalhar fora” ou que “a mulher sem trabalho fica lesada, uma parte dela não desenvolve, porque a parte profissional é muito importante”. Trabalho, portanto, não é visto apenas como uma ajuda ao orçamento doméstico, mas está definido como um projeto profissional para as mulheres em geral e sobretudo para suas filhas e netas.

Para a geração mais velha, o casamento impediu o prosseguimento dos projetos de trabalho e de estudos. Casar foi, para a maioria, uma interrupção do trabalho fora de casa e dos estudos e elas acabaram assumindo a tarefa do cuidado, cabendo a elas o trabalho

doméstico não apenas material, mas simbólico. Este lhes garante o poder da transmissão de legados, mesmo que estejam fundados na divisão sexual tradicional do trabalho e na assimetria de gênero. A transmissão de valores na educação dos filhos é sua atribuição, assim como o é a responsabilidade pela manutenção do vínculo afetivo com o marido, uma vez que “estariam especialmente vocacionadas para as emoções, a domesticidade, as relações familiares” (TORRES, 2000, p. 154).

A separação conjugal não é comum neste segmento etário, embora tenhamos três casos entre as entrevistadas e, em um deles, excepcionalmente, a entrevistada viveu duas separações (um desquite e uma separação de união consensual). A separação era uma marca estigmatizante para a mulher, de modo geral, e este estigma marcava até as mulheres que mantinham amizade e contatos com as “separadas”. As separações conjugais, entretanto, são entendidas por elas e pelas próprias filhas como “abandono”. Uma das mulheres da geração madura, ao se comparar com a mãe, afirma: “Nós separamos, elas eram abandonadas”. Condensa-se nesta afirmação a percepção das mudanças entre as duas gerações de mulheres e a valorização da autonomia feminina para as mulheres na maturidade que viveram situações de separação nas quais elas foram protagonistas e não vítimas.

Embora exista um determinado padrão feminino para a geração de mulheres mais velhas nestes segmentos sociais, há variações de como este padrão é experimentado. Apenas duas mulheres entrevistadas desta geração trabalharam depois do casamento e do nascimento dos filhos, uma delas com curso superior completo e a outra com ensino fundamental. Para a mulher com menos escolarização, o “abandono” do marido, deixando-a sozinha e sem condições financeiras, a obrigou a trabalhar na empresa da família, atividade que exerce até hoje e que lhe possibilitou manter os filhos quando pequenos e a si mesma até hoje. Neste caso, a família extensa a auxilia não nos cuidados domésticos mas atribuindo a ela um lugar no mercado de trabalho. Formada em belas artes, outra entrevistada, casada aos 28 anos e viúva antes dos 40 anos, iniciou neste momento de vida sua vida profissional como jornalista e só depois de aposentada retomou plenamente seus trabalhos artísticos. Nos dois casos, a figura masculina deixou de existir como provedor e elas acabaram assumindo esta responsabilidade que, tradicionalmente, caberia ao homem.

O fator de classe é importante nestes casos. Não há heranças e bens a usufruir e o trabalho passa a ser uma obrigação para o sustento da família.

Hoje, as aposentadorias dos maridos e de uma das entrevistadas e as pensões garantem uma vida mais ou menos tranquila para as mulheres, sobretudo para as casadas e viúvas de oficiais das Forças Armadas, permitindo que, ainda hoje, ajudem os filhos e netos e lhes possibilite viagens e estudos. Para duas entrevistadas, entretanto, são as filhas que lhes dão o suporte financeiro. Estas transações, ajudas e cuidados em diferentes direções têm um caráter afetivo e de obrigação moral definida pelos laços familiares e apontam também para disputas de autoridade e de poder entre as gerações, como já havia identificado na pesquisa com avós (LINS DE BARROS, 1987).

Quem define as regras de sociabilidade e as transações dentro da família, em que termos as trocas materiais, de apoio emocional e afetivo vão se dar, quais os limites de interferência dos pais na vida dos filhos, dos avós nas vidas dos netos e, também experimentadas no sentido inverso das gerações, são negociações constantes do próprio significado da família e das relações familiares.

A família, como acontece com os idosos em geral, ocupa um espaço maior na rede de sociabilidade antes construída por amizades femininas e pelas relações na família extensa. Hoje, as interações cotidianas ficam mais centradas no convívio com os filhos, netos e alguns vizinhos. Algumas mulheres ainda mantêm as atividades religiosas e assistenciais, dando continuidade a relacionamentos fora do círculo familiar.

As interações que ocorrem na vida cotidiana têm relação com as formas de organização das residências. Algumas mulheres moram com os maridos, outras sozinhas, uma com um dos netos e outra com a irmã. As filhas entrevistadas as visitam frequentemente e, mesmo que por um breve instante, estes cuidados com a mãe e os pais velhos são muitas vezes divididos com os irmãos, sobretudo com as irmãs. Se as filhas e os filhos estão atentos e parecem gerenciar a casa dos pais e lhes dar um suporte físico e emocional e mesmo financeiro, as tarefas domésticas cotidianas são realizadas basicamente por empregadas domésticas e diaristas, como é comum nas famílias de camadas médias no Brasil. Com as empregadas, as mulheres mais velhas desenvolvem relações de intimidade muitas vezes atribuída aos longos anos de permanência na mesma casa. Não apenas elas

mas suas filhas, hoje na maturidade, repetem esta mesma forma de relacionamento com as domésticas.

A maternidade não foi vivida pelas mulheres mais velhas como algo inato ou natural à condição feminina. Quase todas as mulheres da primeira geração falam do despreparo para a vida de casadas e para a maternidade. Além das domésticas e babás que realizavam o trabalho em casa, as mães e sogras foram presenças constantes na fase inicial do casamento e dos nascimentos dos filhos. Há, assim, uma forma de socialização na passagem para esta fase da vida e que elas entendem como uma função importante para a transmissão de conhecimentos femininos.

Algumas mulheres hoje na maturidade reproduziram este mesmo cenário de aproximação entre mães e filhas adultas no momento da gestação e nascimento dos filhos. A presença das mães das mulheres nos primeiros anos de casamento e na infância dos filhos das mulheres maduras foi suficientemente marcante para que as netas tenham, hoje, em relação às avós (primeira geração) e a suas casas um sentido de acolhimento, de diálogo e de cuidado.

A afetividade e o reconhecimento das avós nos momentos prazerosos da infância não as fazem mais próximas em termos de valores e comportamentos. As diferenças geracionais entre as jovens (com idade variando de 22 a 36 anos) e suas mães são mais sutis do que aquelas entre a geração madura e suas mães. Até certo ponto há, para as duas gerações (as mulheres maduras e suas filhas), a mesma tensão entre a valorização da autonomia individual, da liberdade de escolha, do prazer, dos projetos de felicidade pessoal e as obrigações ditadas pela hierarquia e assimetria de geração e gênero.

A mesma tônica individualista marca os projetos profissionais destas duas gerações, entretanto, neste aspecto, mães e filhas jovens têm diferentes formas de enfrentamento. A geração madura fez a escolha da carreira profissional ao entrar para a universidade, percorreram caminhos profissionais para os quais se sentem plenamente preparadas. A inserção no mercado de trabalho iniciou-se cedo, se comparada com suas filhas. Algumas como estagiárias durante o curso de graduação. Apenas uma delas ingressou no curso superior depois do casamento e do nascimento dos filhos, mas entrou para o mercado de trabalho como professora do ensino elementar logo que concluiu o curso normal de formação de professores.

O projeto profissional das jovens, ao contrário, oscila entre escolhas de carreiras e de experiências profissionais e esta é uma questão problemática para elas e para suas mães. A busca incessante de uma carreira que satisfaça projetos individuais, que associem princípios de prazer com uma garantia de independência financeira é uma combinação pouco encontrada pelas jovens. Uma única jovem mulher, a mais velha do grupo, casada pela segunda vez e com dois filhos, tem independência financeira com uma inserção mais segura no mercado de trabalho. Para todas as outras jovens, entrar no mercado de trabalho para garantir sua independência financeira é algo que vem sendo adiado. A possibilidade de contar com as mães e/ou com os pais é uma garantia para as jovens entrevistadas seguirem na busca da satisfação profissional. A dependência financeira acaba definindo também a configuração das residências e gera conflitos entre mães e filhas.

Uma das questões que aparecem nas entrevistas das mulheres na maturidade é a dinâmica da unidade residencial. Há uma flexibilidade presente nas unidades residenciais que não estão referidas ao ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico (o nascimento dos filhos e sua posterior saída para a constituição de novas unidades residenciais). Esta flexibilidade está relacionada a eventos que fazem parte das experiências de vida desta geração de mulheres: separações conjugais, novos casamentos com a entrada do novo companheiro na residência, saída dos filhos, jovens e jovens adultos, para estudar ou tentar a vida profissional fora do país ou da cidade, e sua volta, muitas vezes não prevista ou desejada, ou a retirada, mais do que a saída, de filhas, após conflitos insolúveis entre as duas gerações.

A dinâmica da unidade residencial passa a ser um ponto distintivo da geração madura frente às próprias mães e filhas. Há uma reversibilidade constante na organização doméstica: ora estão com os filhos e filhas, ora não. Os motivos para a saída e entrada dos filhos, para a primeira geração, não eram os mesmos vividos hoje pelas mulheres maduras. Estas saíram da casa dos pais para casar e voltavam, às vezes, após a separação conjugal ou por doença e por um tempo determinado. Além disto, o casamento ocorria antes dos 30 anos de idade. Suas próprias filhas, a geração mais jovem da pesquisa, casarão mais tarde ou não casarão. Quando saem da casa da mãe ou dos pais, a saída não é vista como definitiva, há sempre a perspectiva de uma volta em algum momento em que o projeto de vida independente fracasse.

Quando as jovens saem de casa das mães após conflitos continuados com as mesmas, algumas vezes ocasionados pelo novo casamento materno, coloca-se uma outra situação: as jovens acabam sendo acolhidas na casa das avós ou dos pais. Estes, em alguns casos, já constituíram outras famílias, indo a jovem coabitar com o pai, a madrasta e seus filhos e seus meio-irmãos. Para as jovens, rompe-se, assim, um padrão de matrifocalidade da residência. Mas esta situação nem sempre é vista com tranquilidade por elas e por suas mães: há sempre a ideia do fracasso materno em não garantir o acolhimento em suas casas, fracasso que é vivido por mães e filhas.

Sob o ponto de vista das jovens, elas circulam entre residências em um circuito familiar. A família se expande e se ramifica em várias residências. Há, assim, uma negociação constante nestas entradas e saídas da qual participam vários elementos das relações familiares das jovens. O discurso mais psicologizado, explicativo desta tendência em circular entre residências, não deixa de ter também uma razão prática: onde haverá menos atritos e mais apoios.

Esta experiência de contração e alargamento ocasional da configuração residencial é vivida pelas mulheres na maturidade, ao mesmo tempo em que se redefinem seus relacionamentos familiares com os pais e os irmãos. Hoje, com os pais mais velhos, a presença diária ou semanal na casa da mãe ou dos pais se tornou um imperativo. Esta aproximação é acompanhada, também, de uma reaproximação dos irmãos com quem não se tem, necessariamente, afinidades e comunhão de estilos de vida.

NOVAS VERSÕES DA AUTORIDADE E DO AFETO NA FAMÍLIA

Os aspectos fundamentais comuns a mulheres de camadas médias, sobretudo aqueles relativos à autonomia nas decisões em suas vidas, não permitem concluir pela homogeneidade neste universo de pesquisa. Não é apenas o fator geracional que contribui para a heterogeneidade nas ênfases em valores individualistas e nas possibilidades socialmente apresentadas, para cada mulher, para colocar em prática suas maneiras de pensar, mas há, na mesma geração, situações bastante diferenciadas tanto no sentido dos valores como da prática da vida cotidiana.

As mulheres da geração madura apresentam uma situação social mais estável financeiramente. O trabalho não é só um valor apreciado para que elas se sintam valorizadas como pessoa, mas lhes garante também independência econômica. A educação superior é fundamental neste sentido, mas não é uma razão necessária para a condição mais favorável. Nem sempre a profissão atual corresponde à formação universitária. A expansão e a heterogeneidade do campo de trabalho abriram possibilidades diferenciadas nas quais estas mulheres se inserem ainda em profissões femininas como bibliotecárias, psicólogas, educadoras.

As jovens recebem de suas mães a valorização dos ideais de autonomia e de independência, mas eles não correspondem necessariamente à permanência em postos de trabalho. O adiamento da entrada na vida profissional ou sua intermitência podem estar relacionados às dificuldades do próprio mercado, mas também são parte de uma outra forma de se colocar no mundo na busca incessante de uma satisfação na vida profissional e, para isto, contam com a participação da mãe e/ou do pai nas suas despesas cotidianas.

A luta das mulheres maduras pela autonomia e independência financeira se realiza desde a juventude, momento histórico de ebulição social e cultural que tornaram propícios os projetos de individualização feminina, nas camadas médias e de maior possibilidade de acesso à escolarização superior e à profissionalização, e a abertura para o questionamento das assimetrias de gênero e para as transformações na família. Embora o legado transmitido às filhas seja no sentido de valorização do projeto de autonomização e independência, ele não tem se efetivado na prática como as mulheres pretendiam na educação de suas filhas.

A retórica da valorização de si como indivíduo pleno com autonomia e liberdade é questionada quando as mulheres na maturidade se defrontam com as situações em que se sentem responsáveis pelos filhos adultos e pelos pais. O cuidado, em diferentes modalidades, continua a ser uma tarefa que não podem negar como mães e filhas, caso contrário, estariam negando também os valores básicos da reciprocidade familiar. A família permanece como um valor social e não se pretende negá-lo. De fato, na situação em que se encontram entre as duas gerações, este valor é reafirmado.

Ao perceberem que estão no lugar de mediação e de centralidade de autoridade e poder nas relações intergeracionais, as mulheres na maturidade entendem que contrariam alguns princípios pelos quais elas acreditam terem pautado suas vidas. O sentimento de

realização como mulher se mistura com o de fracasso. De forma intensa, reveem a educação dada aos filhos: liberdade e responsabilidade, no caso dos jovens, não andam juntas necessariamente como elas pretendiam. Perguntam-se o quanto na sua velhice terão, por parte dos filhos, a mesma solicitude em cuidar como dizem ter em relação aos pais. Não têm modelos de maturidade a seguir, criam para si e para as relações familiares novas linguagens.

A autoridade é negociada continuamente e esta negociação reflete a valorização dos laços de parentesco, de filiação e da maternidade. A hierarquia familiar à qual se associa as ideias de autoridade e poder é interpretada por uma perspectiva individualista, em uma tensão que exacerba fundamentos próprios da família nestas camadas sociais, como uma nova versão da linguagem da autoridade e do afeto que identifiquei na pesquisa com avós (LINS DE BARROS, 1987). De um lado, a preocupação em transmitir e promover a interiorização do valor da família, de outro, empreender a formação de indivíduos individualizados. O poder também é reatualizado nestes novos contextos familiares e também passa a ser objeto de autorreflexão, de ajustes de tensões e de conflitos entre as gerações.

Em meio a dúvidas e questionamentos que fazem o tempo todo, há o autorreconhecimento e o reconhecimento dos filhos e pais de sua autoridade, poder e afeto. Daí o sentimento de que sua presença física, emocional e financeira é fundamental para que os jovens filhos e filhas possam construir seus projetos de vida e que os velhos pais se sintam acolhidos. Seu papel ativo e de poder nas relações familiares é interpretado como a resposta às necessidades dos que as cercam e pela capacidade aprendida ao longo da vida de tomar decisões por si mesmas. Este lugar, mesmo que redesenhado e revisto pelos valores de autonomia em sua trajetória de vida, é inibidor de algumas perspectivas de maior liberdade para usufruir de seu tempo e sua disposição física e emocional na maturidade quando ainda não se sentem velhas.

Uma das avós entrevistadas na década de 80 falava de sua intenção em reagir ao que chamava de “imposição dos filhos” para ajudá-los nos cuidados com os netos. Em um momento da entrevista ela afirma: “Como eu estou te dizendo, eu não quero ser avó de profissão. Eu não quero. Eu esperneio” (LINS DE BARROS, 1987, p. 68).

Estando entre duas gerações, as mulheres na maturidade reencenam algo muito semelhante nas relações familiares contemporâneas, contexto de enfrentamento entre diferentes interpretações e formas de agir.

Tomo de empréstimo esta imagem de espernear utilizada pela avó para dizer da contrariedade e insatisfação e sintetizo, também, em imagens, algumas maneiras pelas quais as mulheres maduras falam, sentem e interpretam a si mesmas e as relações sociais na família e nos diferentes contextos sociais. O momento histórico é outro, assim como é outro o lugar social em que se encontram na família e na vida pública e é com nova perspectiva que estas mulheres estão tratando os dilemas em que se encontram. Estes são próprios de sua geração. Mas a contrariedade e o enfrentamento dos problemas e conflitos fazem parte também de suas vidas. Assim construo imagens destas tensões: elas esperneiam, mas acolhem filhas e filhos adultos; elas esperneiam e negociam com irmãos os cuidados dos pais; elas esperneiam, mas assumem o lugar do poder e da autoridade sempre criticado ao longo da vida; elas esperneiam, mas acabam reproduzindo, muitas vezes, em novas relações afetivas as fórmulas e padrões tradicionais de relações de gênero.

Ao mesmo tempo há, para todas as mulheres maduras, a clareza de que foram e são responsáveis pelos caminhos que trilharam, pelos projetos que conseguiram realizar e pelo protagonismo nas cenas em que atuam como mães, filhas, irmãs, mulheres, amantes, profissionais. Esta a matéria para a construção da ideia de maturidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andréa Moraes. Mulheres, sexualidade e velhice. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 353-369, dez. 2009.
- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV; FAPERJ, 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza et al. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Garamond Universitária, 2006.
- LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- LINS DE BARROS, Myriam. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: _____. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 17-37.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes et al. Mulheres, geração e trabalho. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 335-351, dez. 2009.

MACHADO, Maria das Dores C. Religião, família e individualismo. In: DUARTE, L. F. D. et al. (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

TORRES, Anália. A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: PEIXOTO, Clarice E. et al. (Org.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

TORRES, Anália; MENDES, Rita; LAPA, Tiago. Família e trabalho na Europa. In: ARAÚJO, C.; PICANÇO, F.; SCANLON, C. (Org.). *Novas conciliações e antigas tensões? gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VITALE, Maria Amália Faller. Avós, velhas e novas figuras da família contemporânea. ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Org.). *Família, redes, laços e políticas públicas*. 3. ed. São Paulo: Cortez; IEE; PUC/SP, 2007.